SOC. PORTUG. ANTROP. E ETNOL. — Fasc. 4 — Vol. 23 — 1980

A vezeira da Cabrada do Couto Dornelas (Barroso) e outras vezeiras

POR

J. R. dos Santos Júnior (*)

Presidente da Sociedade de Antropologia,
Sócio titular da Sociedade Brasileira de Fol-Lore (Natal)
e Sócio Efectivo do Club Internacional de Folk-Lore (Brasil)

A *vezeira* é a velha prática comunitária do pastoreio em que num só rebanho, ou manada, se juntam as cabeças de gado de 10, 15, 20 ou mais proprietários.

Os grandes rebanhos, ou manadas, são pastoreados à vez por 2, 3 ou 4 dos donos do gado ou seus mandados, cujo serviço vai andando à roda.

O Couto Dornelas, também chamado S. Pedro Dornelas, é uma freguesia do concelho de Boticas, assente em plena Serra de Barroso, formada por sete povoações, a saber: Vila Maior, Vila Pequena, Gestosa, Espertina, Antigo, Casal e Lousa (1).

Ali estive em 20 de Janeiro de 1966 para assistir à notável festa de S. Sebastião, que, todos os anos, é celebrada em

---

(*) Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

(1) Pinho leal, *Portugal antigo e moderno,* Vol. II, Lisboa 1874, a pág. 480, artigo DORNELLAS diz: «Vila, Trás-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho de Boticas», tinha 110 fogos, foi couto e a mitra de Braga apresentava o vigário.

Mais pormenorizado é o artigo DORNELAS do *Dicionário Corográfico de Portugal continental e insular,* de Américo Costa, Vol. VI, Vila do Conde, 1938, págs. 71 e 72, onde se lê: Tem como orago S. Pedro. Fica no extremo sudoeste do concelho de Boticas e dá-a «composta dos seguintes lugares: Antigo, Cabeça do Couto, Casal, Gestosa, Louzas, Mosteirão, Vila Grande e Vila Pequena.

louvor do santo e em consagração do milagre que S. Sebastião, advogado da fome, peste e guerra, fez ao Couto Dornelas livrando aquele povo da invasão dos franceses.

Na segunda invasão francesa, Soult entrou por Trás-os--Montes. Depois de tomar Chaves em 12 de Março de 1809, decidiu seguir a caminho de Braga pelo vale do Cávado.

A população do Couto Dornelas, aterrada com a aproximação dos franceses, pegou no seu S. Sebastião e foi pô-lo na capela de Guiteiros, no Alto da Padradeira.

O exército invasor passou à vista do Couto Dornelas, mas rodou por cima do Covelo e seguiu a estrada velha (estrada romana de Braga a Astorga) pelo Alto do Mourisco a caminho de Braga.

Em testemunho de gratidão pelo milagre de S. Sebastião ter livrado a terra dos invasores foi resolvido festejar o Santo todos os anos.

Outra versão é a de que o milagroso S. Sebastião valeu à gente do Couto Dornelas aquando de uma epidemia nos seus gados.

É tradição que, há muitos anos, grassou nos gados uma tal e tão grande epidemia que alarmou a gente do Couto. Apegaram-se ao seu S. Sebastião com a promessa de festa anual se jugulasse a epidemia.

O milagre fez-se, os gados libertos da doença, prosperaram, e houve festa de arromba.

Porém ao fim de alguns anos esfriou o fervor da gratidão ao Santo pelo milagre da sanidade do gado, e, por isso, em dado ano, a festa deixou de se fazer. Resultado: surgiu novo surto pestífero e consequente mortandade nos gados. Isto levou o povo a pedir a milagrosa protecção do seu S. Sebastião, que voltou a actuar milagrosamente e a epidemia foi debelada. A festa voltou a fazer-se e nunca mais os gados do Couto foram atacados de doenças epidémicas.

O certo é que a festa não mais deixou de se fazer todos os anos no dia 20 de Janeiro.

O mordomo de cada ano vai recebendo as dádivas em cereal e carne de porco, que é servida com arroz em pratos

de pau a todo aquele que aparece. Só tem que levar garfo e pode comer a fartar sem nada ter que pagar. Antigamente a esta festa vinham muitos devotos galegos, que não se esqueciam de trazer o seu garfo.

Oxalá que, em conveniente oportunidade, possa descrever o que foi a festa de S. Sebastião em Dornelas no dia 20 de Janeiro de 1966, em que tive como companheiros os amigos D. Francisco Gonzalez e o Conde de Aurora.

Dornelas foi couto do arcebispado de Braga.

Ali houve sempre muitos cortiços de abelhas pelo que é abundante a colheita de mel e de cera.

Diz-se que o nome de Dornelas vem de dorna, a *grande dorna de pedra,* que está no adro, ao lado da igreja, e que todos os anos era cheia de cera como tributo a pagar à mitra de Braga.

Em Janeiro de 1966, aquando da festa de S. Sebastião, colhi algumas notas sobre a *vezeira* das cabras do Couto Dornelas, acabada na Vila Pequena havia já uns 20 a 25 anos. Mais tarde, em 1969, tive a sorte de me encontrar com o Sr. Adelino Pereira, de 42 anos, natural do Couto Dornelas, que então trabalhava nas minas de cassitrite de Carvalhelhos.

Até aos 25 anos Adelino Pereira foi pastor de cabras no Couto Dornelas. O pai tinha 60 que entravam na cabrada do Couto, que chegou a ter 700 e 800 cabras.

Uns tinham 20 cabras, outros 30 ou mais, mas sempre em múltiplo de 10. O maior da *vezeira* tinha 80. Menos de 20 cabras é que não podia ser.

Havia na terra um proprietário que tinha 150, mas esse estava fora da vezeira.

Por cada 20 cabras havia que dar um dia de pastor à vezeira. Quem tinha 30 cabras era pois obrigado a dar dia e meio de pastor à *vezeira.* Quando lhe chegasse a vez daria 1 dia de pastor e na vez seguinte 2 dias. Isto porque não sendo 30 múltiplo de 20 e não podendo haver meios dias de pastor à

vezeira, de cada duas vezes juntava dois meios dias a perfazer um dia inteiro. Daí o ter de dar 2 dias de pastor em cada segunda volta.

Podia haver na vezeira dois proprietários que tivessem cada um 10 cabras. Juntavam-se para fazer as 20, número a que correspondia dar um dia de pastor. Quando lhe chegasse a vez alternavam no encargo, isto é, um entrava no dia de pastor à *vezeira* pelas suas 10 cabras e pelas 10 do emparceirado. Ao parceiro caberia dar o dia de pastor, quando lhes voltasse a chegar a vez.

A *vezeira andava à roda,* e, como se disse, a cada 20 cabras correspondia um dia de pastoreio.

A 30 cabras competia dia e meio. Neste caso, como se disse, o dono das 30 cabras numa roda ia um dia, na seguinte dois dias, e assim por diante seguindo a mesma regra.

Quase sempre iam dois vezeireiros, «mas eu (dizia o Adelino Pereira) cheguei a ir só com a vezeira toda».

Informou que no mês de Maio era fácil guardá-la. Havia muitas flores e o monte oferecia comida à farta. A cabrada andava toda junta e as cabras bem fartas.

Em fins de Julho e à entrada de Agosto, quando já havia menos pasto na serra, a cabrada era mais difícil de guardar. Muitas cabras, à falta de erva, apartavam-se e «atiravam-se às gestas, às silvas e às *touças de rascalhas* (touças espessas de carvalhos e outras árvores)». Chegavam mesmo a entrar nos lameiros. — Então era mais trabalhosa a guarda da *vezeira.* Tinha a gente que gritar às chibas:—É chiba... torna... torna..., e atiravam-se-lhe pedras ou com o estadulho.

As cabras andavam lado a lado, mas as do mesmo dono não se espalhavam, andavam sempre mais ou menos juntas.

O tempo de vezeira

A *vezeira* da cabrada na serra fazia-se no fim da primavera e no verão.

Começava em Maio e estendia-se por Junho e Julho, entrando mais ou menos pelo mês de Agosto, consoante o tempo o permitia.

Em certos anos podia ir mesmo até ao fim de Agosto.

A vezeira andava à roda

Isto é, a vez de cada dono de cabras ir ou mandar alguém guardar a cabrada na serra ia passando de uns aos outros, de casa a casa, de vizinho a vizinho, isto é, andava à roda da povoação.

Por via de regra demorava 15 a 20 dias a dar a volta.

Os que tinham o encargo de vezeiros, para orientação da sua vida, a cada passo perguntavam.

— Onde andará a *vezeira?*

E o meu informador comentava.

— Alguns tinham a vezeira à porta e nem davam por isso.

O dia da vezeira e a pastagem na serra

Segundo o meu informador o corno (de vaca), que soprado marcava a hora da vezeira, estava em casa de dois lavradores do cimo do povo. Era qualquer deles que tocando o corno indicava o início do trabalho do pastoreio, não muito cedo, muitas vezes já com sol alto.

Ao ouvirem tocar o corno, os vezeireiros que lhe calhava ir guardar a cabrada juntavam-se num largo da aldeia.

Ao ouvirem o mesmo toque os donos do gado abriam os portêlos dos aidos das suas cabras, que se iam juntando no largo onde as esperavam os vezeireiros. Estes com a respectiva merenda, munidos de seu estadulho e do *rosário das chaves das côrtes,* seguiam serra acima, guiando a cabrada a pastar todo o dia na volta combinada.

Ao findar da tarde traziam o gado até ao enchido da Veiga da Lage Furada, onde havia umas 14 côrtes para pernoita das cabras.

À chegada os pastores abriam os *portêlos* das côrtes e as cabras *estremavam-se,* isto é, as cabras de cada dono iam

entrando juntas para a respectiva côrte, astrada de mato, gestas e folhagem.

Fechados à chave os portêlos das côrtes os vezeireiros regressavam ao Couto.

Um deles, o mais velho, trazia o *rosário das chaves,* que as ia entregar a casa do vizinho a quem cabia ir de vezeireiro no dia seguinte.

Era assim no primeiro dia em que começava a vezeira.

Depois como as cabras dormiam as noites na serra fechadas nas côrtes, os pastores de manhã subiam à serra, abriam os portêlos, as cabras juntavam-se no enchido e depois eram levadas pela serra a pastar.

A cabrada tinha de sair a pastar com sol e entrar nas côrtes ainda com sol. Esta regra tinha de ser rigorosamente cumprida.

A vezeira do Couto podia pastar toda a serra de Barroso, até Montalegre, desde que no regresso passasse com sol, isto é, antes de pôr do sol, para baixo da *estrada velha,* troço da estrada romana de Braga a Astorga, que, seguindo em direcção a Chaves, ia passar na Ponte Pedrinha, ponte romana sobre o rio Bêça, que corre entre a aldeia de Bêça e a de Carvalhelhos.

O mesmo informador disse que, pelas várias terras por onde a vezeira do Couto ia passando, todos se afastavam com as suas cabras para não se misturarem com as do Couto.

Gado le lã não podia ir com as cabras.

No Couto os carneiros eram poucos e geralmente pastavam com as vacas.

Havia dois lavradores, um com 30 e outro com 50 cabras que não tinham terras de semeadura nas chãs da serra, nem côrtes na Veiga da Lage Furada, e, por isso, as suas cabras vinham dormir à povoação.

A cabrada tinha 7 ou 8 cães de lobo.

Os cães, que tinham coleiras de pregos, vinham para o povo com os vezeireiros ao fim da tarde. Na manhã seguinte

os cães acompanhavam os pastores a quem calhava dar o dia à vezeira, e guardavam o gado dos lobos durante o dia.

Muitas vezes os lobos, especialmente no inverno, rondavam ameaçadoramente o rebanho. Então os pastores acirravam os cães que espantavam as feras.

O meu informador chegou a ver três lobos à uma.

Duma vez um lobo passou-lhe tão perto que lhe atirou uma estadulhada.

Fim da cabrada

Com a instauração do regime florestal na serra de Barroso acabou a cabrada do Couto.

A floresta é uma grande riqueza. «Desempenha importante acção no combate à erosão». Presta valiosíssimo serviço, como zona verde, na oxigenação do ambiente, e consequente combate à poluição.

O certo porém é que a cabrada também fez muita falta à cultura dos cereais em Dornelas.

Com os estrumes que, durante três ou quatro meses, se fazia nas côrtes onde as cabras dormiam no alto da Serra, e iam acarrar na hora de calor nas chãs, muitas terras de semeadura eram bem estrumadas. Nelas se colhiam em cada ano 1500 pousadas (1) e, em anos bons, ainda mais.

---

(1) A *pousada*. O cereal depois de segado é atado em molhos. Um certo número de molhos, variável de terra para terra, faz uma *pousada*. No meu trabalho *A cultura dos cereais no leste trasmontano*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnografia», Porto, 1977, fasc. I, vol. 23, págs. 41 a 159, 103 figs., na pág. 74, aludi à *pousada*, e o número de molhos de cada *pousada*, nas seguintes aldeias. Na Quinta S. Pedro (concelho de Mogadouro) cada quatro molhos fazem uma *pousada*. No Souto da Velha, freguesia do concelho de Moncorvo, a *pousada* tem cinco molhos . Mas em Felgueira, freguesia também do concelho de Moncorvo, que fica por trás da Serra do Roboredo, cada *pousada* tem dez molhos.

No fim da segada, ao avaliar a produção, é corrente perguntar: — Quantas *pousadas* deu aquela terra? É que pelo número de *pousadas*

Era uma comunidade agro-pastoril que se equilibrava perfeitamente.

E o meu prestimoso informador rematou com esta afirmação.

— Era uma farturinha de pão.

Breves considerações sobre vezeiras em Trás-os-Montes.

As *vezeiras,* velha manifestação comunitária pastoril, foram frequentes em muitas terras de Portugal, especialmente nas regiões serranas do norte e centro.

As *vezeiras* podiam ser de gado bovino, caprino, ovino e de porcos.

Como a trasmontana Serra de Barroso fica adjunta da Serra Amarela, da qual a separa a Serra do Gerês, farei algumas referências à *vezeira das cabras* de Vilarinho da Furna, concelho de S. João do Campo, à da Ermida, concelho de Ponte da Barca, e, à *vezeira dos porcos,* que, pode dizer-se ter sido geral em quase todas as aldeias de Trás-os-Montes.

Vezeiras dos porcos houve-as por todo o Trás-os-Montes.

Constituiam uma organização social de congregação de interesses, condicionada por circunstâncias de vária ordem, nomeadamente de natureza ecológica. A bolota dos carrascos, sobreiros e carvalhos, e a castanha dos muitos soutos da terra fria trasmontana, e, dum modo especial, a *castanha rebôla* dos castanheiros bravos, em dada quadra do ano constituiam a base da alimentação dos porcos em pastoreio, com a vantagem de dar à carne características de especial valor.

Vejamos algo do que pude averiguar sobre as *vezeiras dos porcos* no alto Trás-os-Montes.

---

calcula-se, com grande aproximação, o número de alqueires do cereal que aquelas *pousadas* vão render. Em S. Pedro a pousada regula dar um alqueire de centeio; no Souto alqueire e meio; em Felgueiras dois alqueires e a passar.

O Abade de Baçal, a pág. 391 do Tomo x das suas «Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança», Porto, 1938, publicou a seguinte quadra popular.

As cantigas que você canta
Meto-as eu numa azeiteira.
Não são cantigas de cantar
Nem aos porcos da vezeira.

Ainda a propósito da vezeira há em Vale de Porco, freguesia do concelho de Mogadouro, situada entre as chamadas serras de Garope e Penedo, ao cimo do mimoso vale da Ribeira da Freixeda, a seguinte tradição.

Antigamente a povoação não era onde hoje está, mas num cabeço próximo onde se vêem muitas telhas partidas.

Nesse cabeço «as formigas e uns bichos pequenos, comiam as orelhas das criancinhas». Perante tal calamidade os moradores tiveram de abandonar aquele antigo povoado e escolher outro local.

Soltaram a *vezeira* dos porcos, e foram-nos seguindo em procissão. Os recos chegados ao vale do Ribeiro da Freixeda, sítio onde hoje assenta a povoação, pararam, e, por mais que procurassem fazê-los andar, dali não saíam.

Então o povo, vendo que os *porcos da vezeira* teimavam em não sair dali, fundaram naquele sítio a nova povoação, que, por ter sido escolhida pelos porcos, se ficou a chamar Vale de Porco.

Mais uma referência existe em Trás-os-Montes na lenga-lenga com os rapazes mirandeses (Duas Igrejas-Miranda do Douro) *chamam nomes aos Manueis.*

Manuel cascavel
Come as papas no pichel.
Vem o gato lambe o prato,
Vem o cão parte o pão,
Vem o porco da vezeira
Dá um p... na azeiteira.

Esta lenga-lenga mirandeza é corrente, embora há já muitos anos a *vezeira dos porcos* deixou de se fazer na grande maioria das povoações da Terra de Miranda.

Parece que ainda há uns 40 ou 50 anos existia a vezeira dos porcos de Vale de Porco.

O Sr. José Joaquim Solteiro, de 62 anos, natural e residente em Vale de Porco, disse-me, em Janeiro de 1976, que se lembrava de ali haver a *vezeira dos porcos*. Informou que então ainda era viva a tia Maria da Silva e a filha que eram quem *botavam os porcos à vezeira*.

Não soube precisar o ano em que a *vezeira* acabou, mas lembra-se bem, pois já era rapaz espigadote, que «andavam na vezeira uns 60 a 70 porcos e porcas, uns anos mais outros menos».

A *vezeira* ia de 1 de Março ao dia de S. Pedro.

Pelas 9 horas, a tia Maria da Silva, e a filha, munidas cada uma de suas varas, davam volta ao povo e à porta de cada casa chamavam pelo nome a dona da casa.

— É Rosa, já deste a vianda ao teu porco?

Se a resposta era afirmativa, como quase sempre sucedia, a pastora logo prosseguia.

— Então bota-o cá p'rá rua.

Reunidos todos os porcos da *vezeira* as guardadoras tocavam-nos para o *sítio dos Vales*, terras que eram e ainda hoje são baldias, onde os pastavam até às 4 horas da tarde.

Regressados à aldeia cada porco seguia direito à casa do seu dono, que à noitinha lhe dava a vianda.

No *Boletim dos Amigos de Bragança*, XX Ano, 6.ª série, n.º 5 (Set. 1975), Bragança, 1975, com uma erudita introdução do Doutor Águedo de Oliveira, vem publicado o manuscrito do diário feito pelo moncorvense Francisco Justino de Castro, que foi oficial de diligências da Administração do concelho de Moncorvo, no qual o seu autor registou acontecimentos quotidianos da vila de Moncorvo e seu concelho desde 13 de Janeiro de 1890 até 1 de Junho de 1901. Na pág. 3, na nota referente

a 12 de Julho de 1890 lê-se: «Julho 12-é que começou a vezeira dos porcos nesta villa».

As bolotas dos muitos carvalhos e alguns sobreiros da Serra do Roboredo, e as castanhas rebôlas dos castanheiros bravos, que por lá também abundam, há mesmo o Souto Longo de castanheiros bravos, alimento favorito dos suínos, ofereciam excelentes condições à vezeira dos porcos de Moncorvo, com a vantagem de a mata do Roboredo ficar sobranceira à vila de Moncorvo.

Do valioso trabalho do Prof. Jorge Dias, *Rio de Onor--Comunitarismo Agro-pastoril*, publicação do «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular», Porto, 1953, 610 págs. 45 Figs., grande número das quais são primorosos desenhos de Fernando Galhano, e XL Est. com 80 fotografias, extracto algumas referências às *vezeiras de porcos*.

Nas notas do final do capítulo «Introdução», são muitas as notícias que a vasta erudição de Jorge Dias registou sobre manifestações comunitárias de norte a sul do nosso país, que ele tantas vezes percorreu com apurada sensibilidade de distinto etnógrafo.

Extratarei apenas as relativas às vezeiras de porcos em Trás-os-Montes.

Na pág. 30 refere que em Fornos, aldeia do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, havia, há mais de 30 anos, *vezeira* de vitelas e de porcos, com pastores para cada *vezeira* pagos por todos os vizinhos. Pastavam em lameiras baldias, que foram divididas, e havia dois zeladores que orientavam e fiscalizavam o pastoreio.

No Souto da Velha, aldeia do concelho de Moncorvo, que Jorge Dias indica, em dúvida, e bem assim «Alfândega da Fé (?)», diz a pág. 31: «tinham vezeira de porcos».

Em Montezinho, pág. 32, diz: «Houve vezeira de porcos».

Na mesma pág. lê-se que em Vilarinho da Cova da Lua «havia vezeira de porcos».

Em Zeive, pág. 32, lê-se: «O ano passado ainda tiveram vezeira de porcos nos baldios comuns (1949)».

Na Mofreita, mesma pág., «havia vezeira de porcos que pastavam nas lameiras do povo e tinham casa do povo para os porcos».

Landêlo, pág. 32, «teve vezeira de porcos».

Na pág. 33 lê-se que em Moimenta «não há memória de ter havido rebanhos comuns, só uma enorme vezeira de porcos, com três pastores. E antigamente tinham o porco do povo».

Em Santalha, aldeia próxima da Moimenta, pág. 33, diz: «Não há rebanhos comuns, mas têm um lameiro do povo para onde deitavam os porcos. Hoje tal costume acabou».

Verifica-se pelo que fica dito que em muitas aldeias trasmontanas ainda há poucos anos existia a *vezeira dos porcos*, que na Moimenta «era enorme com três pastores», e que, como sucedia na Mofreita, «havia casa do povo para os porcos».

Julgo oportunas algumas referências às vezeiras, em especial às das cabras, da Serra Amarela, uma na aldeia da Ermida, concelho de Ponte da Barca e outra em Vilarinho da Furna, concelho de S. João do Campo, ambas do Alto Minho, e à do mesmo ciclo agro-pastoril da extinta vezeira do Couto Dornelas.

As vezeiras da Ermida

S. Silvestre da Ermida é freguesia do concelho da Ponte da Barca e fica na vertente meridional da Serra Amarela.

O Professor Catedrático de Astropologia da Faculdade de Ciências do Porto, Doutor João Amorim Machado Cruz, ali estudou o regime pastoril no seu trabalho *Regime comunitário pastoril na Serra Amarela (Ermida-Ponte da Barca)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1969, Vol. XXI, pág. 215 a 229 e 4 Figs. Nele descreve as *vezeiras das vacas*, a dos *bois*, e as *do gado miúdo ovino* e *caprino*, a que na Ermida chamam *vigias*.

Na pág. 8 lê-se: «há uma *vigia* do gado caprino — *vigia da rês* — uma *vigia* do gado ovino — *vigia dos carneiros* — e uma *vigia* do gado caprino e ovino jovem — *vigia dos cabritos*.

A saída das manadas dos bovinos e dos rebanhos do gado miúdo, é anunciada por um toque de corneta, «que ainda há pouco o era por um toque de búzio que o pastor toca no largo dos *adjuntos*».

Na *vigia da rês* os que nela têm gado darão um dia de pastor à vigia por cada 15 cabras.

Quando o número de cabeças não corresponde a múltiplo de 15, o seu dono terá de em algumas voltas *emprumar*, isto é, acertar o dia que terá de dar a mais, e assim *emprumarão* um dia em cada 7 *rodas*.

Como o Prof. Machado Cruz escreve a pág. 9 do seu trabalho, «O vizinho que tiver só uma cabeça não terá de contribuir para a guarda da *vigia*, e uma a mais ou a menos nos múltiplos de 10 ou de 15 não motiva também que se faça *emprume*. Sintetizando este princípio o povo diz: — «por um nem se vai nem se folga».

A *vigia* anda à *roda* e duas vezes por ano se faz a contagem das cabras, uma no dia 1 de Maio e outra no dia 29 de Junho.

No capítulo final «Tentativa de Interpretação», o Prof. Machado Cruz analisa em síntese o condicionalismo social e agro pastoril da Ermida, o que determinou a organização das *vezeiras* dos bois e das vacas e das *vigias* da rês e dos carneiros.

*

Faremos algumas considerações sobre o pastoreio em Vilarinho da Furna, típica aldeia assente na Serra Amarela, margem direita do rio Homem, que pertencia à freguesia de S. João do Campo e concelho de Terras de Bouro. Foi afogada pela albufeira da Barragem de Vilarinho da Furna.

As vezeiras foram estudadas pelo Prof. Jorge Dias no excelente catítulo «O pastoreio» do seu belo trabalho *Vilarinho da Furna — Uma aldeia comunitária*, publicação do «Centro

de Estudos de Etnologia Peninsular», Porto, 1948, págs. IX, 274, 19 Figs. (primorosos desenhos de Fernando Galhano) e XX Est. com 44 fotogravuras.

É um trabalho modelar que se lê com sumo agrado.

Aquela típica aldeia tinha 250 habitantes e os seus gados agrupados em *vezeiras*, isto é, em rebanhos vigiados, pastavam nos baldios da Serra Amarela a confinar com a do Gerês.

Ali havia as seguintes *vezeiras:* a das vacas, a dos bois, a da rês, e ainda a *vezeira* do eido das vacas com crias, e ainda havia o rebanho da rês de parte, formado pelas cabras de um ou dois vizinhos mais abastados, que mandavam pr'á serra o seu gado à parte, com pastor próprio.

Havia ainda em Vilarinho da Furna gado não apastorado. Eram os *garranos,* cavalos e éguas, semi-selvagens, vivendo em liberdade, ao *freirio,* tanto na serra do Gerês (1) como nos montes e vales da região galega fronteiriça confinante.

Vamos limitar as considerações a fazer apenas à cabrada que, como se lê a pág. 78 do trabalho referido, era de 1500 cabeças em 1941, e em 1945 subiu para 2344, sendo 1702 cabras e 642 reixelos, isto é, machos. Em 1948 eram 2467 cabeças, 1784 cabras e 683 reixelos.

A *vezeira* da rês, composta de machos e fêmeas, reixelos e cabras, dividia-se, por vezes, em duas, uma de cabras e outra de reixelos.

Esta *vezeira* era anual, saía de manhã e recolhia à noite, e levava 3 pastores; 2 com mais de 20 anos e o terceiro com mais de 15.

---

(1) Ouvi fazer referência à *vezeira de D. João VI* na Serra do Gerês. No entanto não foi possível obter a sua localização, seus limites e condicionalismo pastoril.

É possível que a tal vezeira corresponda a informação dada por Tude de Sousa no seu livro *Mata do Gerês — Subsídios para uma monografia florestal,* Impr. Univ. Coimbra, 1926, 253 págs. e 52 gravuras, na pág. 244.

«A freguesia de Vilar da Veiga possui largos terrenos da montanha doados e mandados demarcar por D. João VI, então príncipe regente».

Os pastores das cabras faziam serviço à vez, tendo cada casa de dar um homem por cada 20 cabras.

De manhã os vezeireiros, em determinado ponto do povoado, gritavam: *botai-la rês... botai-la rês*. Todos abriam as suas côrtes, as cabras dirigiam-se para junto dos vezeiros e dali seguiam a caminho da serra, para determinadas áreas de pasto diferentes durante o ano.

Quando ao fim da tarde o rebanho regressava à povoação os pastores gritavam *estrêma... estrêma,* e as cabras dirigiam-se às respectivas côrtes onde os seus donos as podiam contar antes de cerrar a porta da côrte.

A cabra desta vezeira, era de tipo especial, a que chamavam rês brava, bastante diferente do gado caprino do resto do país.

Na pág. 77 Jorge Dias informa que às cabras pequenas chamavam cabritos e aos reixelos pequenos reixelinhos.

Em justa apreciação da cabrada de Vilarinho da Furna, Jorge Dias, etnógrafo dotado de notáveis qualidades de observação e apurada sensibilidade, a pág. 78 escreveu. «O rebanho da rês de Vilarinho é uma das notas mais características da região, sobretudo quando ao fim da tarde começa a descer as encostas sobranceiras à povoação. A aldeia enche-se com o barulho dos balidos e dos chocalhos e, na serenidade da tarde, aquela horda invasora tem qualquer coisa de fascinador»:

*

Pelo que fica exposto verifica-se que as *vezeiras* constituíam um regime comunitário pastoril tendo em vista não só o máximo aproveitamento da criação e rendimento dos gados, mas, e sobretudo, a pastagem ser feita com o mínimo de pessoal.

As diferenças de natureza geológica, topográfica e outras, de região para região, determinam condições ecológicas diferentes de região para região, que originam variedade de pastos e, consequentemente, certas particularidades de pastoreio, obedecendo no entanto a normas de ordem geral.

Com o desenvolvimento do espírito individualista, as organizações comunitárias foram, e vão, esmorecendo e muitas terminaram por acabar, para o que também concorreu o desenvolvimento da florestação dos baldios.

Dentro do quadro geral da organização das *vezeiras* que referimos há algumas particularidades que as diferenciam algum tanto.

Deixando de lado as *vezeiras dos porcos*, que, como dissemos, devem ter existido por todo ou quase todo o Trás-os--Montes, vejamos algo no referente às vezeiras das cabras.

A cabrada do Couto Dornelas, designada *vezeira das cabras*, que chegou a ter 700 e 800 cabeças, pastava todo o ano pela Serra de Barroso, podendo ir até Montalegre, desde que passasse para baixo da *estrada velha* (estrada romana), antes do pôr do sol. Ao entardecer recolhia ao povoado. No entanto, uma parte do ano, Maio a Agosto, dormia na Serra em côrtes fechadas à chave, o *rosário* das quais o mais velho dos vezeireiros trazia para a povoação e ia entregar ao vizinho encarregado do pastoreio no dia seguinte. Por cada 20 cabras o seu dono dava um dia de pastor à vezeira.

A cabrada de S. Silvestre da Ermida, da qual no trabalho atrás citado não se indica o total das cabeças que o formava, era designada *vigia da rês*, e também recolhia ao povoado ao entardecer. Uma parte do ano, como sucedia no Couto Dornelas, mas em período diferente, pois na Ermida era de 29 de Junho, dia de S. Pedro, a 8 de Setembro, também dormiam em côrtes na serra, no sítio da *Branda de Bilhares*, «para fazerem o estrume para as terras de lá».

Ao contrário do que sucedia no Couto Dornelas em que, como vimos, quando o gado dormia na serra os pastores regressavam ao fim da tarde ao povoado, na Ermida os pastores em guarda ao gado na Serra dormiam em típicas cabanas circulares de falsa cúpula «com entrada de pouco mais de um metro de altura, onde só quase de joelhos se pode entrar». À volta das cabanas «há um grande cercado de muro tosco com

pedras sobrepostas, de cerca de um metro de altura, onde é metido o gado ao anoitecer».

Ali o encargo do pastoreio é maior: por cada 15 cabras correspondia ao seu dono um dia de pastor à *vigia*.

Tal como sucedia no Couto Dornelas, também na Ermida se fazia o acerto dos dias a dar de pastor, quando o número de cabeças não era múltiplo do estipulado a cada dia de serviço. Simplesmente na Ermida esse acerto ou *emprume* faz-se logo na primeira *roda*, pelo que os ermidenses designam a primeira *roda* do ano como *roda do emprume*. É curioso que, como atrás se referiu, se uma outra cabra entra a mais ou a menos na vigia não motiva que se faça *emprume*.

É também curioso que, como se lê a pág. 9 do trabalho do Prof. Machado Cruz, «o *vizinho* que tiver só uma cabeça não terá de contribuir para a guarda da *vigia*, e uma a mais ou a menos nos múltiplos de 10 ou de 15 (na vigia dos carneiros) não motiva também que se faça *emprume*». O povo sintetizando este princípio diz: — «por um nem se vai nem se folga».

A cabrada de Vilarinho da Furna, que chegou a atingir perto de 2500 cabeças, designada *vezeira da rês* era formada por cabras e *reixelos*. Saía de manhã e recolhia à noite.

O sinal da partida não era dado por toque de corno de vaca (Couto Dornelas) ou de corneta ou búzio (Ermida), mas por chamamento feito todas as manhãs em voz alta pelos pastores a quem cabia a vez, que, de certo local da povoação, gritavam: *botai-la rês... botai-la rês*.

No regresso, à boca da noite, ao chegar o rebanho ao povoado, os pastores gritavam *estrêma... estrêma*, e as cabras dirigiam-se às côrtes dos seus donos.

Esta vezeira tinha diferentes e demarcadas áreas de pastagem nas encostas da Serra Amarela, não podendo passar do *Couto do Muro* e *Pedras do Perfeito (Fraga do Abutre)*.

Em Vilarinho da Furna, tal como sucedia no Couto Dornelas, por cada 20 cabras o seu dono dava um dia de pastor à *vezeira*.

Das três cabradas, de que acabamos de referir algumas particularidades distintivas, deixaram de existir a do Couto Dornelas e a de Vilarinho da Furna, e subsiste, ou pelo menos subsistia, ainda em 1969, a de S. Silvestre da Ermida.

A do Couto Dornelas foi morta pelo regime Florestal, a de Vilarinho da Furna extinguiu-se com o afogamento da aldeia pela albufeira da barragem do mesmo nome no rio Homem.

É bem certo que não cabem dois proveitos num saco.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Novembro de 1978

Subsídio concedido para ajuda da publicação deste trabalho. Enviei à Câmara Municipal de Boticas provas tipográficas, *A vezeira da Cabrada do Couto Dornelas* e separatas de outros trabalhos sobre a região de Barroso. Ao mesmo tempo pedi, se possível, um subsídio para ajuda da publicação do trabalho sobre a vezeira da cabrada.

A Câmara concedeu à Soc. Portug. de Antrop. e Etnol. um subsídio de 10 000$00, comunicação feita em 11-12-80 nos termos que se transcrevem. «Foi deliberada a concessão de 10 000$00 à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, considerando o trabalho desenvolvido em prol do conhecimento dos valores tradicionais do património cultural desta região de Barroso, e de que a prova tipográfica e outros apúsculos remetidos são uma evidente demonstração, cujo envio penhoradamente agradeço».

À Câmara de Boticas, na pessoa do seu ilustre Presidente, Sr. Dr. José Joaquim de Sousa Fernandes em nome da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol. e em nome pessoal reiterados agradecimentos.